

TRANSFORMAÇÕES DO DESENHO DO RECÔNCAVO BAIANO, SOCIEDADE E PETROBRAS¹

Oswaldo Edson Borges Martins Júnior²

Durante o período colonial e em boa parte do século passado, as culturas de cana-de-açúcar, fumo e pecuária foram o sustentáculo da economia baiana. Este trabalho analisa um processo posterior, com as mudanças que se estabelecem pela inserção da Petrobras na década de cinquenta, e o redesenho espacial que se configura a partir de então.

Com esta ênfase, caracterizamos e descrevemos, através da leitura e documentação das imagens aparentes dos espaços construídos, a transformação do desenho urbano. Especificamente, trataremos do município de São Francisco do Conde, localidade em que o traçado sofre grandes modificações, sem que haja um planejamento prévio. Neste contexto, apresentaremos os impactos provocados em escala municipal (São Francisco do Conde) e regional (Recôncavo). O método de análise do território construído deriva da abordagem conceitual que tem, no desenho, o meio de investigação sobre as relações entre espaço e tempo.

Para tal pesquisa, utilizamos fontes iconográficas, que possibilitaram conhecer e descrever o espaço a partir de gravuras, fotografias, mapas e outros documentos de registros visuais. Com este material, pode-se ter um quadro de como se deu a evolução da cidade, e como estes processos acabaram por influenciar e modificar o cotidiano das pessoas. Revisamos conceitos mais gerais que balizam o conhecimento sobre as transformações do espaço da região, da cidade e da paisagem, para esclarecer conceitos sobre a representação dos mesmos objetos, que se constroem a partir das noções de olhar, percepção e apreensão do espaço construído.

Por meio das investigações visuais dos elementos construtivos, que são formadores da paisagem urbana do Brasil, nosso objetivo é desenvolver um trabalho que caracterize e descreva – pela leitura e documentação das imagens aparentes dos espaços construídos, com enfoque na transformação desta paisagem no decorrer do tempo.

Temos, como meta, investigar a inserção da Petrobras no Recôncavo Baiano e as conseqüentes transformações no desenho espacial da área, que apresentava uma recessão econômica, desde a decadência da monocultura da cana-de-açúcar.

O resultado deste processo de crescimento desordenado será discutido enquanto paradigma para o desenvolvimento e sustentabilidade das cidades. A investigação tem um caráter amplo e se propõe a reconhecer formas diversificadas de apreensão do espaço urbano, independente de sua definição oficial. Objetiva-se identificar os processos ocorridos, os efeitos no ambiente construído e as implicações atuais.

O objeto de estudo é o espaço que se destaca por sua vocação histórica, artística e cultural. Com o auxílio dos desenhos cartográficos (mapas) e fotos, a análise deste ambiente será feita, verificando como se deu o processo de modificação, que acarretou a transformação daquele ambiente. O estudo do desenho dessa área deriva de uma abordagem conceitual, buscando compreender, pelo desenho e estudo do objeto, as relações entre espaço, tempo e memória visual.

A contribuição desta pesquisa está além do cadastro visual enquanto produto final. A investigação tem um caráter amplo e ultrapassa velhas barreiras, quando se propõe a reconhecer formas diversificadas de análise espacial, independente de sua definição estatal. Estes são nossos objetivos mais diretos, com destaque para o estímulo à crítica na projeção urbana, que tanto pode promover o diálogo crítico entre o presente e o passado, quanto imagens antigas podem ser manipuladas, reconstruindo uma História sem "espessura" e sem compromisso com a preservação da memória.

¹ Pesquisa realizada sob a orientação da Professora Lysê Reis de Oliveira.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. osvaldofsa@yahoo.com.br.

A Petrobras implantou-se na Região Recôncava da Bahia na década de 50, com o objetivo de obtenção de lucro, através da riqueza petrolífera ali existente. Este trabalho pretende fazer uma relação entre o novo e o velho, o passado e o presente, através dos desenhos cartográficos e visuais existentes, onde o presente é resultado das ações passadas.

Nesse período, o Brasil passava por um processo de integração do mercado interno, com a expansão da rede rodoviária nacional, o que proporcionaria mudanças nas funções e estruturas de várias regiões do País. No Recôncavo, esse processo é intensificado pela exploração, processamento e embarque do petróleo.

Levando em consideração as relações homem-meio, homem-homem, a paisagem também entra neste processo de transformação do Recôncavo, pois esta

[...] não é algo, imóvel, imutável. Assim que ocorrem mudanças sociais e políticas este (a) também se modifica. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetivos não se dão no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção (SANTOS, 1999: 47).

Desta forma, analisa-se aqui a configuração do espaço antes, durante e depois à implantação da Empresa Petroquímica do Brasil.

No final dos anos 40, chegam ao Recôncavo Baiano as ações do Conselho Nacional do Petróleo, depois Petróleo Brasileiro S.A. Mesmo que não intencionalmente, a criação da Petrobras, abre caminho para quilômetros de rodovias, oleodutos, poços, tanques, barracas e oficinas, abertos para a pesquisa a extração e o embarque do petróleo. No início da exploração, no início dos anos 50, a região compreendia quatro sub-áreas: a área do massapê, dominada pelo cultivo de cana-de-açúcar (onde se localiza São Francisco do Conde); o Alto Recôncavo, a oeste, com a produção de fumo, de alimentos, demograficamente denso; Baixo Recôncavo, as terras do Sul e a Sudoeste com médias e pequenas propriedades, voltado para a produção alimentar das demais áreas da região, inclusive da capital.

Mas a influência da Petrobras se fez de forma desigual na região. A exploração petrolífera caminhou da zona típica do massapê para o Norte, afetando da antiga área do açúcar, até o extremo norte da região e além, pelos municípios de São Sebastião do Passé, Mata de São João, Catu, Pojuca e mesmo Alagoinhas, deixando de fora o Baixo e o Alto Recôncavo.

Em 1950, instala-se a primeira etapa da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, no município de São Francisco do Conde; em 1957, criou-se um terminal marítimo em Madre de Deus. Conseqüentemente, o povoado de Candeias e a Vila de São Francisco do Conde crescem exponencialmente, tornando-se o local onde o novo operariado irá residir, constituindo-se a base de operação de outras firmas subcontratadas da Petrobras. Modificando, mesmo que espontaneamente, a configuração do desenho urbano daquele espaço, espaço este visto “[...] como produto da transformação da natureza pelo trabalho social/ político” (CASTRO, 2000: 45).

É do interesse das elites políticas locais uma maior dinamicidade daquela área, pois se trata de uma zona com uma considerável densidade demográfica e circulação de capital, que se apresentava economicamente decadente desde o declínio da cana-de-açúcar.

Ao mesmo tempo, apesar da grande estrutura da Petrobras – na geração e ampliação das transformações do sistema viário, do mercado do trabalho, das relações bancárias e imobiliárias – , esta projetou um novo espaço substancialmente fechado, que seria incapaz de revitalizar a região como um todo, frente a uma configuração social atrasada e desgastada. Financeiramente, a Empresa Petroquímica do Brasil teve maior impacto na cidade de Salvador do que em suas respectivas áreas de atuação. Esse progresso, baseado na entrada de capital com origem extra-regional, e não por um processo interno de acumulação de capital, viria de uma vez marginalizar a economia do antigo Recôncavo, cobrando altos custos à sua rede urbana e à capital.

O petróleo aparecia como um coadjuvante: existia, mas sem conviver com o espaço, como um corpo estranho. As modificações no espaço começaram a configurar, também, mudanças no contingente populacional, que se apresenta de forma maior e mais concentrada no litoral.

A Petrobras chegou às vilas, cidades e povoados do Recôncavo açucareiro, onde o ambiente passava pelos últimos extremos da decadência das fazendas dos engenhos de açúcar, sendo São Francisco do Conde um bom exemplo. Seu desenho urbano, desde seu nascimento apresentava-se tímido e morto, aborto do latifúndio da monocultura da cana-de-açúcar e do processo de escravidão. Não possuindo as condições necessárias de comércio, conforto e habitação aos que chegavam, estes também não incentivavam o desenvolvimento local, pois a proximidade com Salvador resolvia muito destes problemas, satisfazendo essas necessidades. O Recôncavo era apenas um ponto de trabalho.

A princípio, a população local mostrava-se descrente em relação à exploração petrolífera, pois tinha dúvidas relacionadas à duração ou permanência do empreendimento. Com a construção e o funcionamento regular da refinaria de Mataripe (distrito de São Francisco do Conde), o ciclo do petróleo deixou de ser visto pela população como atividade passageira, passando a ser considerada como estável e fixa na região. Outra questão estava no fato de quase todos os trabalhadores qualificados não serem do Recôncavo, e sim do Sul do País, ou do exterior, quando as pesquisas ali se iniciaram. Esta postura deixa claro o caráter de não aproveitamento da comunidade local, representando, de forma patente, a exclusão e divergências do sistema.

A Indústria do Petróleo apresenta uma relação interessante quanto ao uso do solo. Após quatro séculos de colonização explorando o solo massapê, a Petrobras viria a explorar, naquele momento, o subsolo, usando e valorizando a terra – não só sua superfície, mas em profundidade, o que representa uma maneira de utilizar e explorar o solo de modo diverso, jamais previsto ou experimentado na região em qualquer época do passado.

Enquanto que o açúcar representava o tradicional, o Petróleo, como atividade produtiva, representaria o novo, o moderno, o nacional – já que se trata de uma empresa estatal, caracterizando o que podemos chamar de uma modernização

[...] conservadora, que articula a escala local com a regional e a nacional, definindo um espaço econômico e político que garante a organização social e o poder no território e modernizadora, que articula a escala local com a internacional, organizando o espaço a partir de imposições de caráter tecnológico e de mercado.(CASTRO, 2000: 64).

A Indústria do Petróleo inaugurou novos caminhos e estradas do Recôncavo, configurando o que seria o redesenho do espaço. “A partir de um desenho original – o passado – o redesenho revela e desvela o antigo em suas possibilidades de uso” (LUCRÉCIA, 1988: 76).

De certa forma, a produção petrolífera permitiu ao governo de São Francisco do Conde a construção de um hospital para a população e de um mercado municipal, incorporando, com este, um novo elemento no comércio local, que se movimentava em torno do padrão tradicional. Atualmente, essas correntes tradicionais permanecem, a cidade ainda não possui um comércio forte, e muitas das negociações comerciais funcionam em torno do mercado municipal.

O processo de crescimento econômico causa alterações importantes de caráter social: há uma redistribuição dos valores de prestígio e poder, como, por exemplo, em São Francisco do Conde, onde surge uma nova classe média urbana constituída de técnicos e operários qualificados, com poder aquisitivo mais alto do que a classe média local, formada por comerciantes, funcionários públicos e uns poucos profissionais liberais e médios fazendeiros. Esses fatos vêm representar mudanças espaciais, conseqüência de novos critérios de classificação social. Revelando mais uma vez a nova configuração e mudanças no desenho espacial, significando o redesenho, que está também diretamente ligado às transformações sociais e culturais.

A influência da Empresa Petroquímica do Brasil não ficou apenas resumida às transformações no meio urbano, mas também no meio rural. O choque entre a economia e a sociedade tradicional e a exploração do petróleo são fatos curiosos e muito pertinentes à discussão, pois causaram, de certa forma, prejuízos às lavouras, à pecuária e às indústrias da região; além disso, certa concorrência salarial, obrigando reajustes que a produção rural não suportaria; evasão de mão-de-obra do campo para as atividades ligadas à Petrobras ou ao novo ritmo das cidades com

o comércio; proibição do uso de técnicas como as queimadas, na agricultura, devido aos poços petrolíferos; divisão e indenização de algumas propriedades com a ocupação de certas áreas com a passagem de estradas e oleodutos, instalando tanques, bombas e sondas.

Pode-se identificar algumas fases da Empresa Petroquímica no Recôncavo Baiano; a primeira desenrolou-se na década de 50, quando a empresa transformou o desenho, cenário e economia locais, estabelecendo preços para terras subutilizadas, gerando oportunidades de emprego para trabalhadores semi-especializados, criando uma demanda para o setor petrolífero, com a expansão do seu componente industrial acompanhando o aumento da extração do petróleo, com os efeitos da indústria metal-mecânica e elétrica. A terceira fase é a do declínio da produção do petróleo, comparada com a capacidade já instalada, em que decrescem seus efeitos de emprego, diretos ou indiretos, e há crescente incerteza relativa aos seus investimentos.

A inserção da Petrobras no Recôncavo Baiano reabre a discussão do que é crescimento e desenvolvimento econômico. Ao se propor um programa de industrialização para a região, há de se considerar não apenas o crescimento econômico da área, ou seja, aumento do PIB (Produto Interno Bruto), mas também o desenvolvimento econômico, que envolve vários segmentos da sociedade. Desta forma o tipo de exploração mineradora é adequada à realidade do local, analisando aspectos que envolvem questões ambientais, sociais, estruturais e econômicas. Apesar de algumas melhoras, as transformações da sociedade, via beneficiamento da Petrobras, não aconteceu, confirmando mais uma vez a contradição do sistema em que estamos inseridos, desde que gera lucro, capital, mas este é restrito para certas classes. “A cidade neste sentido aparece como um emaranhado de coisas difíceis de serem apreendidos, onde as relações humanas, de capital e política interagem e são fundamentais para a construção e composição do espaço” (FANI, 1994: 15).

Na cidade o mundo dos homens é cada vez mais atropelado pelo capital e o que este pode produzir e modificar, representando toda a heterogeneidade do espaço urbano, que deve ser levado em consideração quando se pensa em transformações da sociedade.

É importante salientar que toda proposta de transformação do espaço, sendo esta proposital ou não, deve ser acompanhada, pensando-se, primordialmente, em modificações e desenvolvimento sustentáveis, analisando todas as escalas da sociedade – sejam estas ambientais, culturais, de planejamento urbano e rural, o que é bastante complexo e exige um amplo estudo do todo.

Dessa forma, a configuração do espaço deve ser voltado para o estudo do cidadão e como este compõe a paisagem local. Com isso, a construção dos diversos espaços será feita de forma mais digna, verdadeira e voltada para o melhoramento das questões sociais, freqüentemente esquecidas num mundo onde o capital gera, constrói, destrói, cria, recria e dita as regras.

REFERÊNCIAS

FANI, Ana. **A Cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

CASTRO, Iná Elias de. **Redescobrimo o Brasil 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 1999.

FERRARA, Lucrecia. **Ver a cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

MATOSO, Kátia M de Queiroz. **Bahia: A cidade de Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1969.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SANTOS, Milton. **A urbanização desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. Petrópolis: Vozes , 1982.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador**. Estudo de geografia urbana. Salvador : Progresso, 1959.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SPÓSITO, Eliseo Savério. **A vida nas cidades**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

ZORZO, Francisco. **Ferrovia e Rede Urbana na Bahia doze cidades conectadas pela ferrovia no sul do recôncavo e sudoeste baiano (1870-1930)**. Feira de Santana: Editora UEFS, 2001.